

SCIENTIA ANTIQUITATIS



SALVAGUARDA ARQUEOLÓGICA
ARCHAEOLOGICAL SAFEGUARD

Título: SCIENTIA ANTIQUITATIS

Editores: Leonor Rocha/ Gertrudes Branco/ Ivo Santos

Local de Edição: Évora (Portugal)

Data de Edição: Junho de 2019

Volume: 1/ 2019

Capa: Trabalhos de salvaguarda no Palácio do Vimioso

(Foto: Leonor Rocha)

Director: Leonor Rocha

ISSN: 2184-1160

Contactos e envio de originais: Leonor Rocha/ Irocha@uevora.pt

Revista digital.

Ficheiro preparado para impressão frente e verso.

INDÍCE

O IV ^o CIAT e o estado da Salvaguarda Arqueológica em Portugal Leonor Rocha e Gertrudes Branco	5
Arqueologia Pública e a gestão do património arqueológico no contexto da construção de uma barragem: O caso da construção da barragem de Belo Monte (Brasil) Maria Clara Costa	25
Melhor conhecer é melhor proteger. Os contributos do projeto ARQUEOSIA Filipa Neto e Catarina Costeira	57
Estratégias para a gestão da salvaguarda arqueológica: as cartas de risco do património arqueológico dos Açores José Luís Neto, Carlos Luís Cruz e Pedro Parreira	77
O Risco das Políticas de Risco em Património Cultural - Proposta STORM para uma nova abordagem Filipa Neto, Sofia Pereira, Isabel Inácio, João Almeida Filipe	95
Gestão e salvaguarda do património arqueológico: o caso da Universidade de Évora (Portugal) Leonor Rocha, Jorge de Oliveira, André Carneiro e Carmen Balesteros	113
Ecclesia Sanctae Marinae de Cortegaza (Cortegaça, Ovar). Um contributo na Arqueologia de Salvaguarda Gabriel Pereira, Gustavo Santos e Mauro Correia	153
E quando as fábricas fecham? Reflexões sobre a salvaguarda do património arqueológico-industrial na cidade de Portalegre Susana Pacheco	183
A geofísica e salvaguarda do património arqueológico em meio rural. Vantagens e quando utilizar: o caso dos recintos de fossos António Valera e Tiago do Pereiro	203
A salvaguarda arqueológica: teoria e prática na Região Centro Gertrudes Branco	217
Salvaguarda arqueológica em Monforte: Percurso e estratégias de intervenção (Monforte, Portalegre, Portugal) Paula Morgado	251

Oliveira de Azeméis: Gestão de uma Carta de Salvaguardas Patrimoniais e de um projeto de investigação sobre a ocupação do território (POVOAZ) Adrian de Maan e João Tiago Tavares	295
A gestão de espólios arqueológicos no Algarve. Reflexão sobre o seu propósito na actividade arqueológica de salvaguarda Grupo de Arqueologia da Rede de Museus do Algarve	321
A Antropologia Biológica nos Açores: gestão e estudo das suas coleções osteológicas José Luís Neto, Joana Camacho e Pedro Parreira	331
Mosteiro de São Bento de Avis: da intervenção preventiva ao programa de estudo e valorização de fracção monástica Ana Cristina Ribeiro	355
Acompanhamento: o <i>Cadavre Exquis</i> da prática arqueológica (portuguesa) Gabriel Pereira, Mauro Correia e Gustavo Santos	385
Resultados preliminares do acompanhamento arqueológico da obra de conservação da Capela de Nossa Senhora de Entre Águas Ana Cristina Ribeiro	415
Minimizando impactos. Tavira Verde 2012/2014 Jaquelina Covaneiro e Sandra Cavaco	447
Estratégias de recuperação e salvaguarda do património histórico-arqueológico de Vouzela (Viseu, Portugal) após os incêndios florestais de outubro de 2017 Manuel Luís Real, António Faustino Carvalho, Catarina Tente, Daniel de Melo Branco, Luís André Pereira, Pedro Sobral de Carvalho e Tiago Ramos	461
Balanço dos Incêndios de 2017: Região de Lisboa e Vale do Tejo Filipa Bragança, Gertrudes Zambujo e Sandra Lourenço	477
La combinación de la investigación con la protección del patrimonio arqueológico rural en la provincia de Salamanca: el caso de Los Villares (Fresno Alhándiga, Salamanca) M ^a de los Reyes de Soto García e Verónica Pérez de Dios	491

Ecclesia Sanctae Marinae de Cortegaza (Cortegaça, Ovar). Um contributo na Arqueologia de Salvaguarda

Gabriel Pereira¹
Gustavo Santos²
Mauro Correia³

Resumo

A construção da atual Igreja Matriz de Cortegaça foi iniciada no começo do século XX, sob projeto de Manuel Soares de Almeida, em substituição de um templo anterior, demolido em 1918, localizado no largo que hoje se abre diante da fachada da atual. Concomitantemente e de acordo a historiografia local existem algumas referências, datadas do século XII, que direta e indiretamente referem uma “Igreja de Cortegaça”.

Desconhecendo-se se esta seria a primitiva origem da Igreja Velha e qual o potencial arqueológico deste espaço, a Entidade de Tutela recomendou como medida preventiva o acompanhamento arqueológico de «todas as ações necessárias à execução do projeto, que impliquem revolvimentos no subsolo» no sentido de «observar e registar todas as ocorrências que possam consubstanciar algum tipo de informação patrimonial».

Os trabalhos arqueológicos de prevenção e salvaguarda possibilitaram a identificação de vestígios relacionados com a ocupação do espaço, entre a atualidade e momentos anteriores, enquadráveis, pelo menos, desde a Idade Média. Além de vestígios cerâmicos foi observado um conjunto de estruturas arqueológicas no local apontado como sendo o da Igreja “Velha”, bem como outras situadas no extremo poente do atual cemitério, de difícil interpretação, que indiciam para uma

¹ pereira.gr@gmail.com | NEXO – Património Cultural, Lda.

² gus.msantos@protonmail.com

³ maurocrorreia@gmail.com

construção de planta retangular que terá sido demolida nos inícios da época moderna.

Palavras-Chave: Arqueologia, Prevenção, Acompanhamento Arqueológico, Vestígios.

Abstract

The construction of the present Church of Cortegaça began in the twentieth century, under Manuel Soares de Almeida's project, replacing an earlier temple, demolished in 1918, located somewhere in front of today's church.

According to local historiography there are some references, dating from the XII century, that directly and indirectly refer a "Church of Cortegaça".

It was not known if this site corresponded to the primitive Church location and what the archaeological potential of this area. In this sense it was recommended as a preventive measure the archaeological watching brief of "all the necessary actions to the execution of the project, that involve underground revolts" in order to "observe and record all occurrences that may constitute some kind of patrimonial information".

The archaeological works of prevention and safeguarding allowed the identification of vestiges related to the occupation of space, between the actuality and previous moments, at least since the Middle Ages. In addition to ceramic remains, a set of archaeological structures was observed, as well as others located at the western end of the present cemetery, more difficult to interpret, and that suggest a rectangular plant construction that would have been demolished in the early modern period.

Keywords: Archaeology; Prevention; Archaeological Watching Brief; Remains.

1. Enquadramento Geral

A área de intervenção situa-se no distrito de Aveiro, concelho de Ovar, na Freguesia de Cortegaça, tendo como coordenadas geográficas centrais (WGS 84) Lat. 40° 56' 34" N e Long. 08°37'33" W.

Em relação ao projeto objeto de condicionante refira-se, de forma sucinta, que considerava a requalificação e a reorganização do espaço envolvente à Igreja Matriz, designadamente a Alameda Padre Manuel Dias da Silva e parte dos arruamentos: Rua Padre Manuel Pereira; Rua Padre Pereira Resende; Rua do Moinho do Passal, Rua das Gias, Carreteira e Rua da Lavoura (Fig. 1).

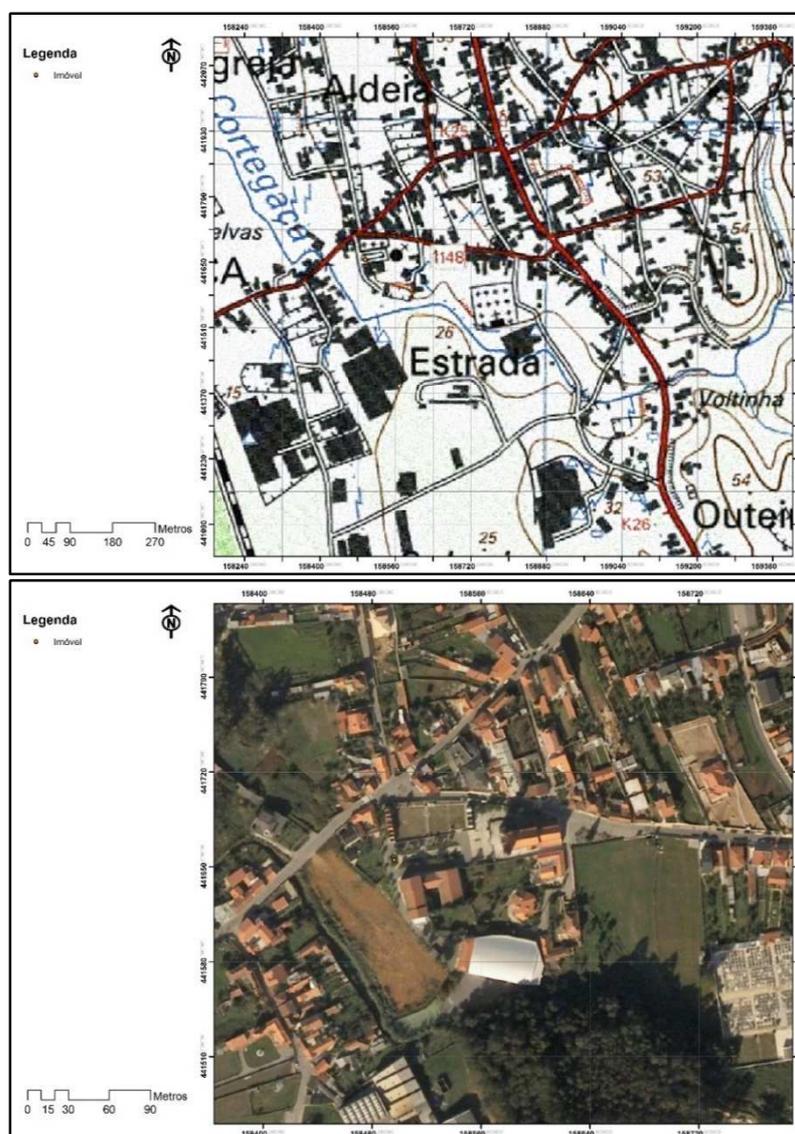


Figura 1. Localização da área de intervenção. Excerto da Carta Militar de Portugal à esc. 1/25 000 – fl. 143.

2. O Acompanhamento Arqueológico: um método de abordagem

O presente estudo teve por base um conjunto de procedimentos técnicos destinados à salvaguarda da informação e da realidade existente na área intervencionada. Em fase anterior aos trabalhos de Acompanhamento Arqueológico procedeu-se a uma caracterização prévia dos locais a intervir, ao mesmo tempo que se iniciou a recolha e análise, a mais exaustiva possível, de documentação histórica, cartográfica e fotográfica que direta ou indiretamente referenciasse o sítio, de modo a evidenciar sucessivas ocupações e/ou reformulações do local.

No que concerne ao Acompanhamento Arqueológico, os trabalhos foram realizados de acordo com as recomendações da Circular Termos de Referência para o Descritor Património Arqueológico em Estudos de Impacte Ambiental – 10 de Setembro de 2004 – de modo «efectivo, continuado e directo» de todos os movimentos e afectações do solo, até níveis considerados estéreis, sem qualquer tipo de manifestação antrópica. Além da observação dos trabalhos de escavação e mobilização de solos, procedeu-se, dentro do possível, à recolha do espólio detectado na área do desaterro e sua envolvência imediata, tendo em conta as necessárias condições de segurança. Para facilitar a detecção de eventuais ocorrências patrimoniais, procurou-se assegurar que a escavação fosse efectuada, na medida do possível por níveis horizontais, com paragens pontuais de modo a que fossem efectuadas inspecções dos terrenos escavados e acções de registo com a correspondente caracterização estratigráfica e arqueológica de determinados achados (Figs. 2 e 3).

O registo diário de Acompanhamento Arqueológico foi sistematizado em fichas de campo, criadas e adaptadas à natureza e contextos da obra, anotando-se as ações realizadas e os registos

efetuados, designadamente por fotografia e/ou mais específicos, relacionados com vestígios de interesse arqueológico detetados.



Figura 2. Trabalhos de Acompanhamento Arqueológico: Inspeção de superfícies escavadas.

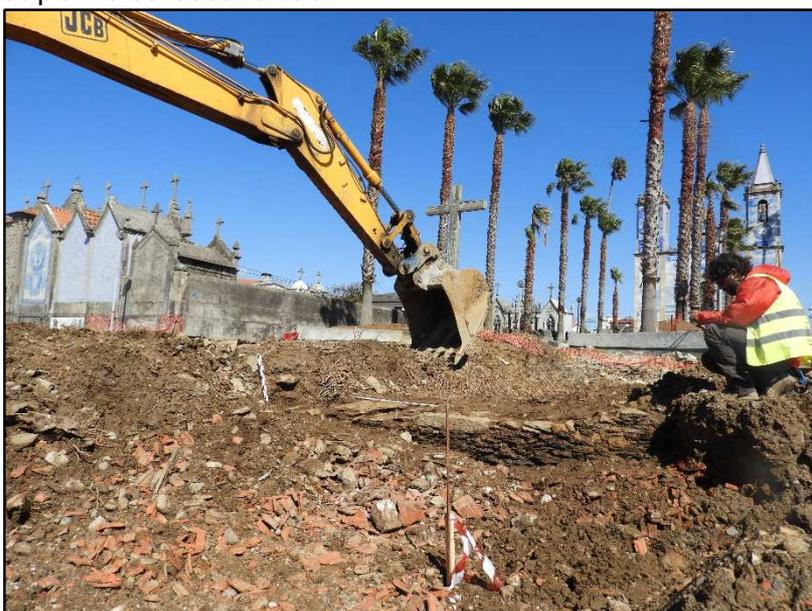


Figura 3. Trabalhos de Acompanhamento Arqueológico: Registo fotográfico de estruturas.

Foi, também, considerada a possibilidade de implementação de medidas complementares na eventualidade de se identificarem vestígios de potencial arqueológico cuja afetação pelo projeto seria parcial ou total. A sua implementação poderia passar pela realização

de trabalhos de escavação arqueológica e de antropologia biológica, sendo sempre sujeita a aprovação prévia da entidade tutelar.

3. A Ocupação Humana e o Espaço - Síntese Histórica

A construção da atual Igreja Matriz ocorreu nas primeiras décadas do século XX, sob projeto de Manuel Soares de Almeida. Veio substituir um templo anterior, demolido em 1918, que se situaria no largo que se abre diante da fachada principal da atual. Deste antigo edifício preserva-se, ainda hoje, uma cruz de granito fixada a uma das paredes do batistério da atual Igreja.

Desconhece-se se esta seria a primitiva origem da Igreja Velha, o que poderia fazer recuar a ocupação humana deste espaço até finais do século XII, na medida que não se conheciam quaisquer indícios que comprovassem a existência de vestígios arqueológicos, com exceção de algumas referências documentais (PEREIRA et al no prelo).

Concomitantemente, a documentação coligida refletia um conjunto diversificado de obras, particularmente evidentes a partir de finais do século XIX e centúria seguinte. Sendo igualmente evidente, através da análise de cartografia antiga, que o espaço envolvente ao atual adro foi sendo ocupado pelo edificado a partir de finais da década de 60/70 do século XX.

Neste sentido, e tendo essencialmente por base a documentação histórica disponível, foi elaborada uma planta evolutiva do espaço e que funcionou como um mapa de risco ou de sensibilidade arqueológica, na qual se assinalou, a diferentes cores, as cronologias construtivas de que o lugar havia sido objeto (Fig. 4).

Do conjunto de obras que foram sendo realizadas, aquela que mereceu especial atenção, quer pela cronologia quer pelo grau de incidência no solo, correspondia com um projeto realizado a partir de finais dos anos 80 do século XX e no qual foram identificados vestígios de muros, eventualmente relacionados com a antiga Igreja matriz. A

execução desse projeto correspondia, em boa medida, ao estado atual do local, tendo-se ainda identificado um muro de propriedade datado de 1984.



Figura 4. Plantas referentes à área do projeto e interpretação evolutiva da malha urbana e de definição de áreas de potencial arqueológico

A documentação consultada não permitia precisar com alguma segurança a localização do templo, neste sentido e de forma a identificar-se eventuais anomalias no subsolo que pudessem confirmar ou não a existência de vestígios arqueológicos, procedeu-se à realização de estudos de prospecção geofísica (Fig. 5). Os resultados deste estudo permitiram a identificação de infraestruturas, de cronologia recente, a profundidades variáveis entre os 0.40 e os 0.50m, bem como assinalar depósitos de derrube e até traçar possíveis alinhamentos, associados a estruturas de interesse arqueológico.

Estas acções prévias possibilitaram uma abordagem mais sólida dos trabalhos de acompanhamento arqueológico lançando pistas para zonas de maior sensibilidade arqueológica.

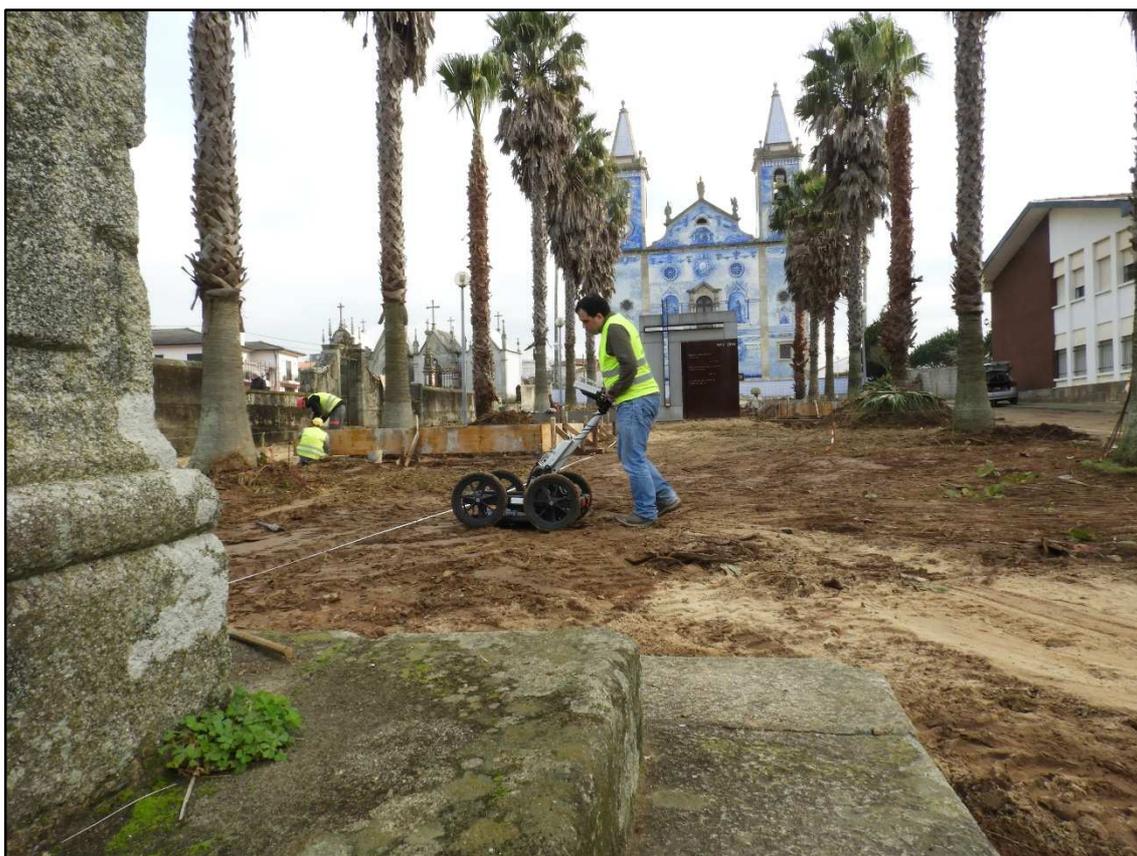


Figura 5. Trabalhos de prospecção geofísica na área do Adro

4. O Acompanhamento Arqueológico: método, prática e resultados

O Acompanhamento Arqueológico foi encarado como um programa de investigação arqueológica cujos objetivos procuravam observar e registar todas as ocorrências que pudessem consubstanciar algum tipo de informação de interesse arqueológico.

Durante os trabalhos foram atribuídas, no cômputo geral, mais de uma centena de unidades estratigráficas, expondo o terreno, em algumas áreas, uma possança estratigráfica máxima na ordem dos dois metros de profundidade.

Uma parte substancial dos depósitos sedimentares observados correspondia a níveis de aterro com materiais de cronologia moderna-contemporânea. Além dos aterros foram observadas, no decurso dos trabalhos, algumas estruturas, depósitos de interesse arqueológico e áreas de enterramentos (Fig. 6 Estas observações resultaram de uma inspeção minuciosa dos terrenos escavados, onde a maior parte dos alinhamentos se apresentavam preservados, somente, ao nível dos embasamentos. Em relação aos depósitos de interesse arqueológico, salienta-se a identificação de um conjunto de sedimentos de características argilosas e tonalidade variável, entre o castanho acinzentado e o castanho claro, de que se recolheram fragmentos cerâmicos integráveis na Proto-história bem como alguns sedimentos com carvões para eventual análise. Com base na observação dos cortes estratigráficos e na recolha dos materiais arqueológicos foi igualmente possível determinar uma área de dispersão de materiais, circunscrevendo-se, aparentemente, sob o cemitério e parte do adro da atual igreja.

Em relação às estruturas, à excepção do adro no qual se identificaram vestígios de alinhamentos possivelmente relacionados com a antiga igreja e adro, observaram-se, na área sobrance do projeto, ruínas de antigos muros divisórios de propriedade, de

cronologia moderna-contemporânea, em alvenaria ordinária de xisto (Fig.7). Estes alinhamentos pétreos foram, em sede de Acompanhamento Arqueológico, objeto de registo exaustivo (gráfico e fotográfico), sendo posteriormente protegidos com manta geotêxtil e aterro.

Durante o acompanhamento dos trabalhos de escavação, com vista à preparação do local para a futura capela mortuária, identificou-se um conjunto significativo de estruturas numa superfície de 192 m² (Fig.8). O aparecimento destes vestígios despoletou a realização de ações complementares de limpeza, caracterização e registo das respetivas estruturas. Os elementos pétreos identificados correspondem maioritariamente a estruturas de cronologia moderna-contemporânea, relativos a um edifício demolido em fase prévia ao projeto. Bem como, ao antigo muro de delimitação/contenção do adro da igreja primitiva, objeto de várias ações de reformulação ao longo de finais do século XIX e observado e caracterizado em diferentes tramos (Fig. 9).

Deste conjunto importa destacar os alinhamentos pétreos perpendiculares, na medida que se desconhecem a sua cronologia e funcionalidade. Trata-se de dois muros em alvenaria de xisto, distanciados entre si aproximadamente 7.00m, alinhados no sentido E-W, com cerca 0.70m de largura. Atendendo ao facto de se encontrarem paralelos foi colocada a hipótese de se tratar de um edifício.. Neste sentido, realizaram-se duas microsondagens de 1m² cada, a fim de avaliar e caracterizar com maior detalhe os alinhamentos. Contudo, após a remoção do depósito que se apoiava nestas estruturas, foi observada, a cerca de 0.10-0.20m de profundidade, a rocha de base (Fig. 10).

5. E quando apareceram vestígios osteológicos? (Medidas Complementares)

No decurso destes trabalhos veio a identificar-se a presença de vestígios osteológicos humanos, que legalmente exigiram uma equipa especializada em Antropologia Biológica (Fig. 11). Atendendo que os vestígios se estendiam além dos limites da área afetada pelo projeto foi proposta a escavação de uma área de 16 m² (Fig. 12), de forma a colocar-se a descoberto a totalidade da superfície dos covachos onde foram depositadas estas inumações e proceder-se à sua exumação integral de acordo com o legalmente exigível.

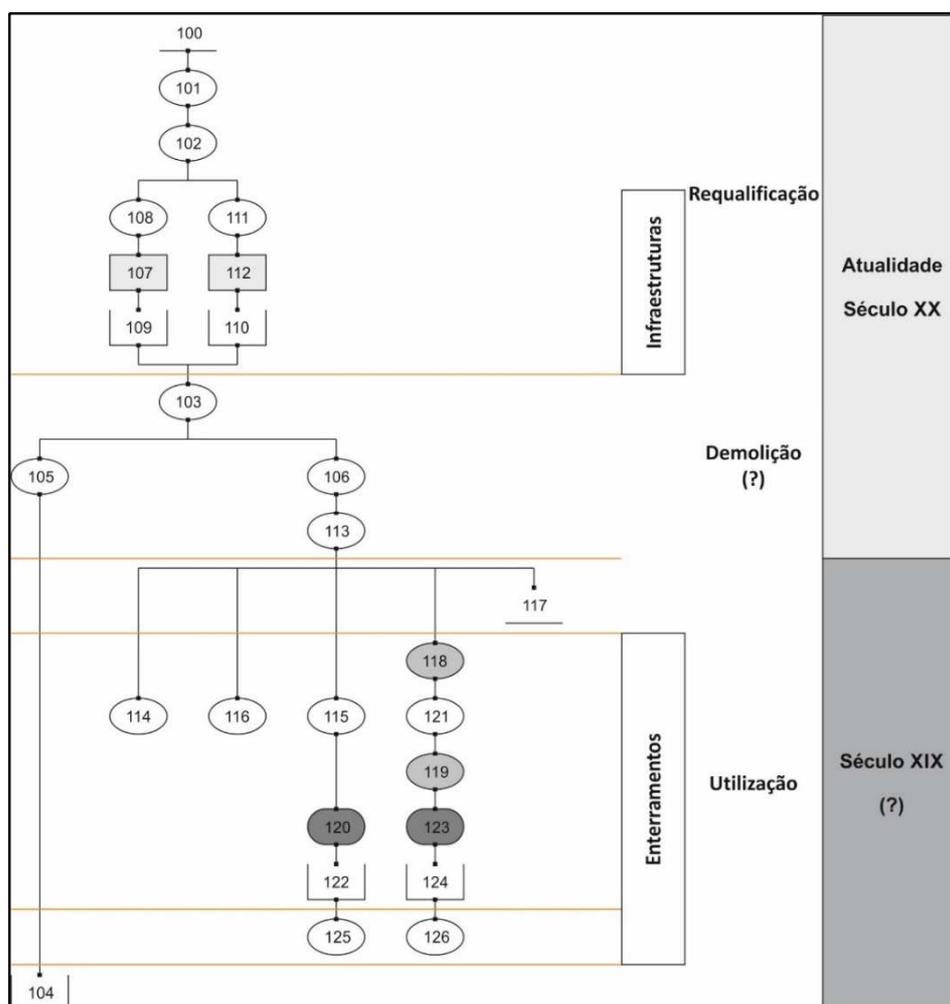
A escavação propriamente dita iniciou-se após a remoção mecânica dos depósitos de cronologia recente - [100], [101], [102] e [103] – relacionados com o pavimento atual e respetivos depósitos de preparação e regularização. Estes trabalhos foram devidamente acompanhados pela equipa de arqueologia, tendo-se procedido ao desaterro mecânico na ordem de 0.40 metros de profundidade.

Após a respetiva limpeza manual da área a avaliar, seguiu-se a de deteção de um conjunto de depósitos – [107], [108] [109], [110], [111] e [112] – que se associam com ações construtivas de cronologia recente, balizadas nos finais do século XX, relacionadas com o arranjo urbanístico do adro.

Seguiu-se à remoção destes enchimentos e respetivo registo, a identificação de dois depósitos de aterro – [105] e [106], que consideramos pertencerem a um outro evento – a demolição da antiga igreja. O primeiro depósito – [105] – encontrava-se confinado ao limite norte de sondagem e era caracterizado pela presença de um conjunto de sedimentos de coloração amarelo acastanhado, heterogéneos, com a inclusão de xistos de pequeno/médio calibre, argamassas, saibros e restos de materiais de construção. Já o segundo – [106] – desenvolvia-se pela restante área sendo caracterizado por uma coloração castanho escuro e sedimentos argilo-limosos, heterogéneos, igualmente

compostos por xistos e seixos de pequeno/médio calibre, argamassas, fragmentos cerâmicos e restos de materiais de construção. Durante a sua remoção foi identificada uma estátua (Fig. 13), que havia sido depositada sobre um segundo depósito de aterro [113] de características sedimentares análogas ao anterior, ainda que a sua coloração fosse ligeiramente mais clara.

Com base nas características sedimentares destes depósitos – [105], [106] e [113] – consideramos tratar-se eventualmente de aterros resultantes da demolição da antiga igreja. Concomitantemente, a circunscrição espacial do depósito [105], no interior de uma vala, leva-nos a equacionar a possibilidade de este enchimento além de resultar da demolição da antiga igreja, preenchia um negativo, de orientação W-E, referente a um alinhamento daquele edifício ou de outro a ele adossado – torre sineira (?).



Quadro 1 - Sequência Estratigráfica – Sondagem 01

Após a remoção do depósito – [113] – identificou-se um conjunto de enchimentos relativos a eventuais sepulturas – [114], [115], [116] e [121] – bem como um possível nível de circulação – [117] – composto por sedimentos saibrosos bastante prensados. Deste conjunto de enchimentos, importa-nos sobretudo os depósitos – [115] e [121] – na medida que os restantes não foram objeto de escavação arqueológica. Embora mereça algum destaque o enchimento [114], pois ainda preservava algumas das lajes de cobertura (Fig. 14).

Assim, no decurso da remoção do depósito [115] foi identificada uma sepultura [120]. Trata-se de uma inumação primária, orientada sensivelmente W-E, na qual o indivíduo depositado se encontrava em decúbito dorsal, tendo o crânio voltado para nascente, os braços flectidos em um ângulo de 45° sobre o torax e os membros inferiores estendidos paralelos entre si (Fig. 15).

Já sobre o depósito [121] refira-se a identificação de um ossário composto exclusivamente por ossos longos [118], que havia sido colocado sobre este enchimento. Após a sua escavação, verificou-se uma reutilização – [119] – que consistia num segundo ossário disposto sobre o indivíduo – [123] – que havia sido sepultado. Desta reutilização, importa mencionar, que alguns dos ossos ainda se encontravam em conexão. Em relação à inumação, tratava-se, também, de um enterramento primário, no qual o indivíduo havia sido depositado em decúbito dorsal à semelhança do anterior. Em relação às práticas funerárias refira-se que apenas se verificou uma ligeira diferença quanto ao posicionamento do crânio – [123] – eventualmente fruto de ações naturais. Embora não tenhamos um indicador cronológico seguro para estes enterramentos, consideramos que possam corresponder a uma fase antiga do cemitério de época moderna (Séculos XVII-XVIII).

Após a exumação dos indivíduos e limpeza e registo das respetivas valas de enterramento – [122] e [124] – atribuíram-se duas

unidades aos solos que haviam sido cortados pelas sepulturas – [125] e [126] – e deram-se por concluídos os trabalhos de escavação, na medida que a afetação do projeto não iria causar qualquer impacto sobre a área, procedeu-se à colocação de manta geotêxtil e posterior aterro.

Além desta área de escavação, os serviços de Antropologia foram igualmente prestados em uma outra vala, localizada no limite SW do muro do cemitério. A identificação desta inumação resultou igualmente dos trabalhos de Acompanhamento Arqueológico, tendo-se procedido ao perfilhamento do corte estratigráfico resultante da afetação do projeto a fim de se proceder à exumação do indivíduo.

6. O espólio arqueológico

O espólio recolhido durante os trabalhos arqueológicos atingiu um volume de cerca de um milhar de objetos, sendo maioritariamente constituído por fragmentos cerâmicos enquadráveis em três grupos cronológicos: Época Moderna e Contemporânea (Séc. XVII-XX); Moderno-Idade Média (Séc. XVI - XIII); e Idade Média-Proto-história.

No que concerne a cerâmica de cronologia moderna-contemporânea, o grupo mais significativo é o da louça vermelha com 22,9% de representatividade (Fig. 16). De pastas algo diversificadas, identificaram-se algumas das formas tradicionais neste género de louça, nomeadamente, tigelas, alguidares, borretos, jarras, pratos e cântaros de dimensões variáveis. A decoração, se bem que rarefeita, está presente em alguns fragmentos, enquadráveis entre o século XVII e inícios do século XIX, com motivos brunidos e pintados em tons de branco, típicos da cerâmica desta índole para este período (Barreira et al 1998:166-173). Refira-se, ainda no campo decorativo, a presença de fragmentos decorados por intermédio de incisões verticais de cronologia mais recente, balizada entre os inícios do século XIX e todo o século XX. Neste conjunto poderá igualmente enquadrar-se um

pequeno conjunto de louça não esmaltada, 0,7%, que sugere tratar-se de louça de uso estético, como vaso de plantas.

De acordo com a nossa contabilização segue-se o grupo das faianças, com 3,9%, e cronologia compreendida entre os séculos XVII e XX. Deste conjunto distinguem-se alguns fragmentos de pratos de fundo raso e covo, tigelas e fundos de canecas. De notar a recolha de faianças de tipo "brioso", da série com filetes azuis e vinoso –1ª metade século XVIII (Dordio et al 2001). Por último, ainda no que se refere às faianças, merece igual destaque as produções datáveis do século XVII (Fig. 17).

Segue-se o grupo da louça preta, em tons de cinza, com 2,3%, de representatividade. No que concerne este tipo refira-se que as peças identificadas integram uma baliza cronológica mais alargada, entre os séculos XVIII e XX. Podendo ser atribuídas algumas destas produções aos centros oleiros de Aradas, Vale de Cambra, Prazo e Resende (Barreira et al 1997; Ribeiro & Silva 2010). Ao nível do seu reportório formal destaca-se a presença de algumas das formas tradicionais neste género de louça nomeadamente caçoilas, panelas e potes e um fragmento de asa perfurado, possivelmente pertencente a um assador (Fig. 18). Surge depois o grupo dos vidrados de chumbo com 1,5%, de cronologia balizada entre os séculos XVII e XX, seguido da porcelana com 0,1% e do grés com 0,1%.

No que respeita ao período Moderno saliente-se, por último, a recolha de um conjunto significativo de fragmentos de cerâmica de construção (433 fragmentos), de cronologia alargada entre a Idade Média e o século XX, de restos de reboco (24) e de fragmentos de azulejos (31), maioritariamente de cronologia recente, merecendo particular nota um fragmento hispano-árabe exumado durante a escavação arqueológica (Fig. 19).

Os restantes períodos considerados integram uma quantidade residual de materiais cerâmicos, com incidências percentuais variáveis entre 4,4% "Moderno-Medieval" e 11,2% "Antigo". Tratam-se

maioritariamente de fragmentos de cerâmica comum, de pequenas a médias dimensões.

No conjunto “Moderno-Medieval”, com 4,4% de representatividade, os fragmentos recolhidos sugerem uma cronologia balizada entre os finais da Idade Média e os inícios da Época Moderna. Este conjunto é composto por pastas argilosas, bem depuradas e de alisamento cuidado, de coloração variável entre o bege, o alaranjado e o cinza-acastanhado, vendo-se nos cernes e nas superfícies fragmentos de quartzo, feldspato e patilhas de mica de pequena dimensão. Neste grupo são escassos os elementos que exibem qualquer tipo de decoração, sendo um fragmento de asa com decoração incisa o melhor indicador cronológico (Fig. 20).

Em contrapartida no segundo grupo, com 11,2% de representatividade, os materiais identificados parecem inserir-se num momento mais antigo, possivelmente de inícios da Idade Média ou talvez, ainda que nos pareça uma hipótese mais remota, na Proto-história (Fig. 21). Tratam-se, na maior parte dos casos, de louça muito fragmentada, de pastas argilosas, por vezes mal cozidas, de coloração entre o alaranjado e o cinzento-acastanhado, vendo-se nos cernes e nas superfícies fragmentos de quartzo e patilhas de mica de média dimensão. Em termos formais reconhecem-se dois fragmentos de bordo, pertencentes a potes de perfil sinuoso(?), e um fragmento de fundo plano.

Neste conjunto, refira-se ainda alguns fragmentos de “barro de construção”, destinado por certo ao revestimento do solo (pisos de circulação) ou calafetagem de estruturas murárias, composto por frações de apreciável calibre. A este conjunto de cronologia “antiga” associa-se um fragmento metálico e dois objetos líticos em xisto, com indícios de perfuração.

Dos restantes grupos – vidro, metal, malacofauna e outros – merece igual nota de destaque um conjunto de contas de madeira

identificado em contexto sepulcral e uma peça de estatuária religiosa, fragmentada, enquadrável no século XVII.

Embora a maioria dos materiais tenha sido recolhido em sede de Acompanhamento Arqueológico, face a diversos condicionalismos de obra, não deixa de ser interessante uma pequena nota relativa à distribuição dos achados por época cronológica. Com base nas recolhas efetuadas e suas relações estratigráficas foi possível estabelecer o seguinte conjunto de mapas de dispersão (Fig. 22):

7. A (re)construção de Memória(s) e a Salvaguarda pelo Registo

A presente metodologia de trabalho permitiu a observação de vestígios relacionados com a ocupação do espaço, entre a atualidade e momentos anteriores enquadráveis, pelo menos, na Idade Média. Além dos vestígios materiais que confirmam a ocupação do espaço foi identificado um conjunto de estruturas arqueológicas no local considerado da Igreja “Velha”, relacionado com o antigo templo e a sua demolição em 1918. Possibilitou, também, a definição de uma área de enterramento – antigo adro – certamente relacionada com aquele espaço de culto. No que concerne às sepulturas refira-se que consistem em covachos abertos diretamente no solo, sem qualquer elemento de delimitação física ou de identificação. De acordo com os materiais arqueológicos recolhidos, estes enterramentos terão sido praticados entre o primeiro quartel do século XVII e meados da centúria seguinte. Saliente-se ainda, ao nível das práticas funerárias, que os indivíduos seriam depositados envoltos em uma simples mortalha, facto que a ausência de restos de vestuário e de vestígios de madeira parece confirmar.

Foram ainda identificadas duas estruturas murárias situadas na extrema poente do cemitério, de difícil interpretação dada a exiguidade da área escavada e o facto de os mesmos se situarem no limite da

intervenção. Estas estruturas indiciam um edifício de planta retangular que terá sido demolido nos inícios da época moderna.

Paralelamente, refira-se, a observação e registo de outros elementos pétreos identificados ao longo dos arruamentos intervencionados e que interpretamos como antigos muros divisórios de propriedade, na medida que se localizavam nos limites dos arruamentos.

Por fim, durante os trabalhos de acompanhamento arqueológico, designadamente da inspeção de cortes estratigráficos, saliente-se a observação e recolha de materiais cerâmicos de fabrico manual, integráveis, hipoteticamente, na Proto-história. Estes vestígios, ainda que descontextualizados, sugerem a possibilidade de nas proximidades poderem existir níveis preservados e/ou estruturas.

Ainda que a natureza dos dados seja, nesta fase, fragmentária importa reter que a metodologia adoptada contribuiu, em nosso entender, para a criação de Memória(s), através da identificação e estudo de evidências e artefactos, seja por intermédio do registo de salvaguarda seja pela preservação e integração de ruínas.

Bibliografia

AMARAL, L. C. (1994) - *São Salvador de Grijó na segunda metade do século XIV: estudo de gestão agrária*. Lisboa: Edições Cosmos

BARREIRA, P.; DORDIO, P.; TEIXEIRA, R. (1997) - A presença de louça preta no mercado do Porto (Séc. XVI a XVIII). *A louça preta em Portugal: Olhares cruzados*. CRAT.

BARREIRA, P.; DORDIO, P.; TEIXEIRA, R. (1998) - 200 Anos de Cerâmica na Casa do Infante: do séc. XVI a meados do séc. XVIII. *Actas das 1. Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Tondela

BASTOS, M. P. (1984) - *O Concelho de Ovar nas "Memórias Paroquiais" (1758)*. Ovar: Paróquia de Ovar.

CARANDINI, A. (1983) - *Storie della terra. Manuale dello scavo archeologico*. Bari.

- CASIMIRO, Tânia (2013) - Faiança Portuguesa: datação e evolução crono-estilística. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 16.Lisboa.
- COSTA, A. C. (1708) - *Corografia portuguesa, e descripçam topografica do famoso reyno de Portugal*.
- DÓRDIO, P.; TEIXEIRA, R. J.; SÁ, A. (2001) - Faianças do Porto e Gaia: o recente contributo da arqueologia. *Itinerário da Faiança do Porto e Gaia*. Porto: Museu Nacional de Soares dos Reis.
- DURAND, R. (1971) - *Le Cartulaire Baio-Ferrado du Monastere de Grijo (XI-XIII Siecles)*. Fundação Calouste Gulberkian. Centro Cultural Português, Paris.
- FERNANDES, A. G. (2011) - *Os Cónegos Regrantes de Santo Agostinho no Norte de Portugal em finais da Idade Média: Dos alvares de Trezentos à Congregação de Santa Cruz*. Dissertação de Doutoramento em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Coimbra.
- HARRIS, E. C. (1979) - *Principles of Archaeological Stratigraphy*. London.
- OLIVEIRA, Pe. M. (1943) - Cortegaça e a "Ribeirinha". *Arquivo do Distrito de Aveiro*. Vol.IX, Nº36, p. 266-272
- OLIVEIRA, Pe. M. (1940) - Igrejas nas Terras de Santa Maria no ano de 1320. *Arquivo do Distrito de Aveiro*. Vol.VI, Nº24, p. 284-288
- PARDINHAS, A. A. (1980) - *Monografia de Cortegaça*. 2ª ed. [s/l]: Edição de autor.
- RIBEIRO, M.; SILVA; A. M. S. P. (2010) - Louça preta moderna e contemporânea de contextos arqueológicos da cidade do Porto. *Olaria: Estudos Arqueológicos, Históricos e Etnográficos*. 2ª Série, 04; Barcelos.
- SILVA, F. R. (2001) - A terra de Ovar e os seus Forais Manuelinos. *Dunas Temas & Perspectivas*. Ano 1, n.º1; Ovar; pp. 3-18
- VECHINA, S. N. (2017) - *Dinâmica Artística na Antiga Comarca Eclesiástica da Feira*. Dissertação de Doutoramento em História de Arte

Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto.

VECHINA, S. N. (2010) - *Arte & Documentação da Antiquíssima Paróquia de Cortegaça*. Cortegaça: Paróquia de Cortegaça.

VECHINA, S. N. (2007) - Inventariação da Arquitetura religiosa de Função Paroquial das Freguesias de Cortegaça, de Esmoriz e de Ovar. *Dunas Temas & Perspectivas*. Ano 7, n.º7; Ovar; pp. 41-74

Fontes Documentais

Arquivo Nacional Torre do Tombo

ANTT – Igrejas do Padroado de Grijó. Cónegos Regulares de Santo Agostinho. Mosteiro do Salvador de Grijó, liv. 51, traslados de c. 1749
CRUZ, P. Dom Marcos da – Cronica do Mosteiro de S. Salvador de Grijó, 1634, 2 Vols.

Arquivo Episcopal do Porto

AEP – Livro que hade servir na vizita encarregada ao Ill^o R^o Abadde de St^a Maria de Vallega, 1824-1864, liv. 088, fl. 64v.

AEP- Inquérito à Diocese do Porto (1954)

AEP- Inquérito à Diocese do Porto (1821)

Arquivo Junta de Freguesia de Cortegaça

AJFC - Actas das Sessões da Junta da Parochia de Cortegaça (1872-1956)

Arquivo Municipal de Ovar

AMO – Processo para arrematação e construção das obras de reparos na Igreja Matris da Freguesia de Cortegaça deste concelho da Feira (1871) – fl. 1-13v

Periódicos

Regenerador Liberal, 19 de Maio de 1910, Ano I, n.º 36

O Ovarense, 4 de Abril de 1909, Ano 24, n.º 1313

O Ovarense, 14 de Janeiro de 1912, Ano 28, n.º 1456

Jornal de Cortegaça, 27 de Dezembro de 1914, Ano 1

Jornal de Cortegaça, 17 de Janeiro de 1915, Ano 1, n.º 4

João Semana, Ovar, 11 de Agosto de 1918, V Ano, n.º232

Figuras e Legendas

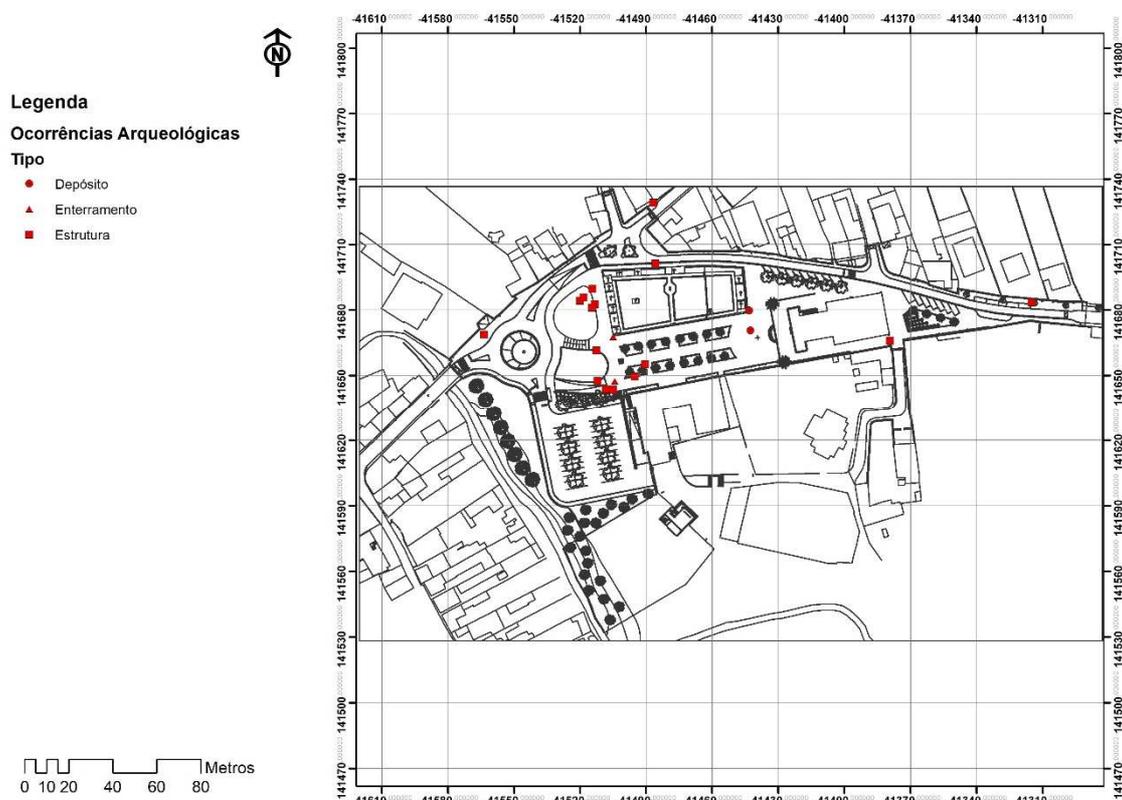


Figura 6 – Planta de ocorrências arqueológicas



Figura 7 – Pormenor de algumas das estruturas identificadas



Figura 8 – Panorâmica das estruturas identificadas a poente do cemitério.



Figura 9 – Planta dos vários alinhamentos identificados a poente do cemitério.



Figura 10 – Vista aérea das estruturas após a realização das duas microsondagens.



Figura 11 – Pormenor dos trabalhos de inspeção de vala e que deu origem a trabalhos de antropologia biológica.



Figura 12 – Panorâmica da área de escavação em fase prévia à exumação dos enterramentos.



Figura 13 – Estatuária religiosa.



Figura 16 – Fragmentos de louça vermelha (Sécs. XVII – XX)



Figura 17 – Fragmentos de faianças (Sécs. XVII – XX)



Figura 18 – Fragmentos de louça preta.



Figura 19 – Fragmentos de azulejo hispano-árabe



Figura 20 – Fragmento de asa medieval (Séc. XII-XIII)



Figura 21 – Cerâmica comum "antiga".



Figura 22 – Plantas de dispersão de espólio

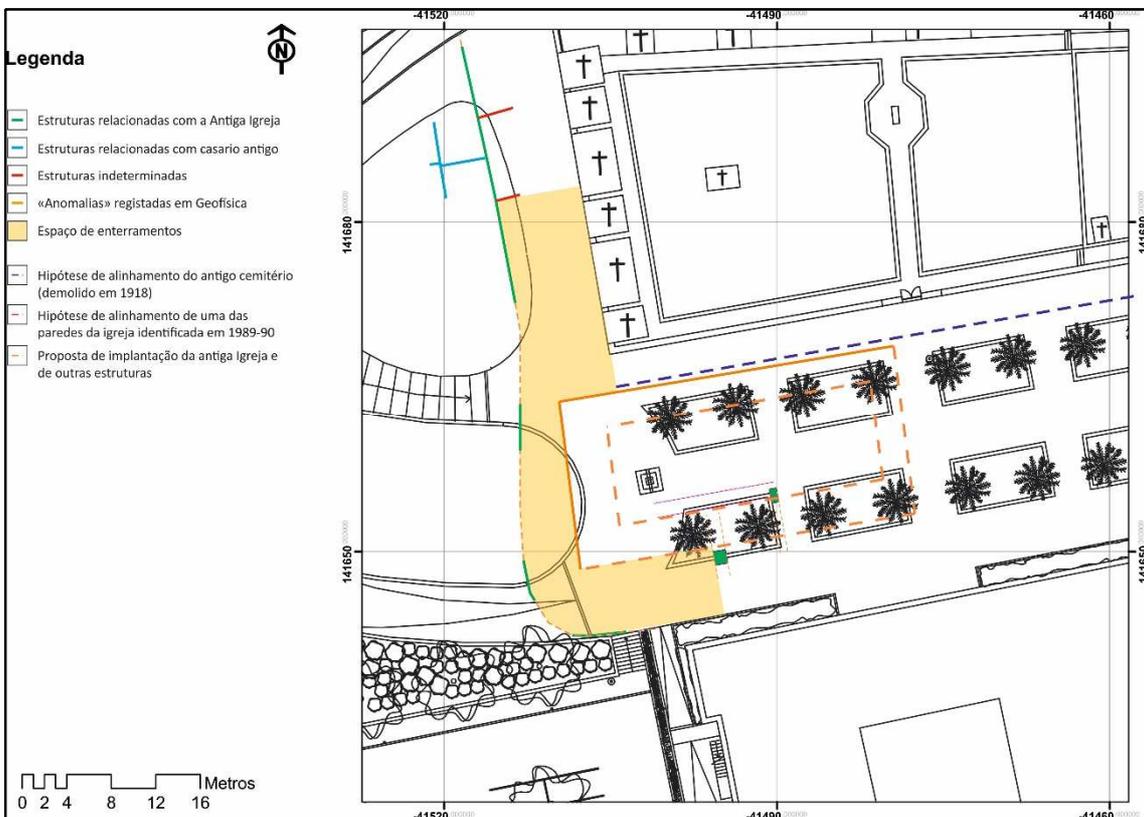


Figura 23 – Planta dos vestígios identificados no Adro com interpretação hipotética.